

Trimestral
Nº 289 • 2020

LACTICOOP

Boletim Informativo dos Cooperantes





Serviço de Manutenção Permanente
24h/dia, 7 dias por semana
Em todo o País

Telefone: .. 234 590 320
Telefax: .. 234 590 321
E-mail: .. rodasa@rodasa.pt



Lacticoop, uma nova imagem, a mesma ambição

É com orgulho que anunciamos que no mês em que a Lacticoop inicia o seu 60 aniversário lançamos a nova imagem corporativa.

A nova imagem Lacticoop é mais leve, moderna, jovem e reflete os principais valores da organização – união, cooperação, confiança, profissionalismo, inovação e compromisso – numa simbiose entre a visão para o futuro e o respeito pela origem e longa história da União.

Esta imagem foi desenvolvida pela jovem criadora Helena Gil. A base conceptual da nova imagem assenta numa linguagem gráfica sóbria, elegante e moderna e na presença de elementos que consideramos fundamentais na identidade da nossa marca, nomeadamente o leite, representado pelos pingos de leite, a natureza, presentes na cor verde, a união das cooperativas associadas, representados no lettering “Lacticoop”.



A Não Perder

Agricultura e recursos naturais
pag. #5

Árvore do mês - Cedro-do-LÍBANO
ÁRVORE DIVINA
pag. #6

Os três B's da saúde do úbere
pag. #8

Acidose Ruminal
pag. #10

Entrevista - SOCIMILK, LDA
pag. #12

Novidade Fiscal 2021 - Declaração Mensal de Imposto do Selo
pag. #13

Para Que Serve O Minifúndio Do Centro Litoral?
pag. #16

Novidade Fiscal 2021 - Declaração Mensal de Imposto do Selo
pag. #13

O Regresso da Ti Aurora
pag. #22

Boletim Informativo Ficha Técnica

Depósito legal:
217931/04

Periodicidade:
Trimestral

Tiragem:
750 Exemplares

Colaboraram neste número:

Álvaro Correia	João Cerqueira
Ana Rodrigues	João Sousa
Fernandes da Silva	Maria Inês Antunes
Fernando Taveira	Mário Cupido
Hermínio Catarino	Paula Vinhas
Ismael Machado	Rui Branco
Jacinta Gil	Vitor Tavares

Redação:

Rua Almeida Garrett nºs 5 e 6
Apartado 92
3810-046 AVEIRO
Telef. 234 377 280 - Fax 234 377 281
Email: geral@lacticoop.pt

Coordenação:

M. Fernandes da Silva
Execução Gráfica:
Creativelab, Branding Studio
Rua José Afonso 9, 3800-438 Aveiro
Tlf.: 234 346 130 | design@creativelab.pt

Impressão

Litoprint
Zona indust. 3 Marcos
Vale do Grou - Apartado34
3754-908 Aguada Cima-ÁGUEDA
Telef.: 234 600 330

Recepção de anúncios

Todos os textos, publicidade e imagens devem ser entregues **até ao dia 15 de cada Mês.**

Editorial

Confiança Renovada Para Novo Mandato



Joaquim Cardoso

Novo mandato para liderar a Lacticoop

Tomaram posse no passado dia 6 de Janeiro de 2021, os membros dos Órgãos Sociais da LACTICOOP, UCRL, para um mandato de quatro anos, que decorrerá no quadriénio 2021/2024.

A eleição realizou-se no dia 17 Dezembro de 2020, numa Assembleia Geral Eleitoral, à qual concorreu uma lista única, proposta pela Administração em funções.

Poder-se-á dizer que se trata de uma lista de continuidade, atendendo a que da lista apresentada a sufrágio, fazem parte a grande maioria dos elementos que estavam em exercício de funções nos vários Órgãos.

De salientar que da lista sufragada fazem parte elementos de todas as Cooperativas agrupadas na União, pelo que se tratou de um processo eleitoral de consenso alargado e que se traduz num voto de confiança renovada à liderança protagonizada pelo Presidente do Conselho de Administração Sr. Joaquim Maria de São José Cardoso e seus pares.

De registar que nos membros efectivos apenas se verificaram duas alterações, sendo uma no Conselho de Administração e outra no Conselho Fiscal, ficando assim garantidas as condições para a nova Administração continuar a desenvolver um trabalho com estabilidade e que tão bons resultados tem proporcionado nos últimos anos.

É certo que o início deste mandato coincide com a maior crise económica e social de que há memória nas nossas gerações, resultante da pandemia de Covid-19, transversal ao mundo inteiro e que vem afectando de igual modo os países ricos e os países pobres, causando um efeito devastador na economia global e na sociedade, cujas consequências demorarão décadas a ultrapassar.

Apesar das dificuldades acrescidas sentidas, o nosso sector de actividade, tem vindo a conseguir resistir, não se sabendo até quando, atendendo ao crescente aumento dos custos de produção, que aliada à crescente degradação do rendimento disponível das famílias, certamente levará a uma recessão do consumo interno.

Da capacidade de resiliência das nossas Organizações aos tempos difíceis que se avizinham, conjugada com uma gestão cuidada e

assertiva, poderemos esperar um futuro próximo menos sombrio.

Cabe à nova Administração a responsabilidade de traçar um plano de acção exigente, congregador de esforços e que seja capaz de maximizar os meios disponíveis, para obtenção de resultados económicos e financeiros ambiciosos, em benefício da União, Cooperativas e Produtores de leite.

Eis a composição dos novos Órgãos Sociais da Lacticoop, UCRL:

Mesa da Assembleia Geral:

Presidente - Dr. Joaquim de Andrade Duarte Reis (Cooperativa de Arouca)
 Vice-Presidente - João Luis Dias Reis (Coop2014)
 Secretário - António Paulo dos Reis Ramalho (Cooperativa de Cantanhede)
 Secretária - Rosa Maria Alves Marques (Cooperativa de Aguada de Cima)

Conselho de Administração:

Presidente - Joaquim Maria de São José Cardoso (Cooperativa de Montemor-O-Velho)
 Vice-Presidente - José de Jesus Oliveira Marques (Cooperativa do Bebedouro)
 Administrador - Carlos Dias Mota (Cooperativa do Alto Paiva)
 Administrador - Dr. Abel António Dias Braz (Cooperativa de Pombal)
 Administrador - Engº Mário Alberto Rodrigues Nogueira (Coop2014)

Conselho Fiscal:

Presidente - Manuel Joaquim Rodrigues Simões (Cooperativa de Vouzela)
 Vogal - Joaquim Santos Gil (Cooperativa do Vale do Mondego)
 Vogal - António Lopes Vieira (Cooperativa de Oliveira do Bairro e Vagos)

Os colaboradores da Lacticoop, as Cooperativas Agrupadas e os seus produtores de leite, saúdam e felicitam os novos Órgãos Sociais pela sua eleição e desejam-lhe as maiores felicidades no desempenho da sua exigente missão.

M. Fernandes da Silva



Agricultura e recursos naturais

Agricultura é a nobre actividade que permite ao Homem produzir alimentos e recursos renováveis, contribuindo também para o desenvolvimento do meio rural trazendo formas de criar valor para sua fixação. Ao longo dos séculos, a produção agrícola no seu todo e florestal em particular, tem desenhado paisagens de grande beleza sem descuidar a preservação da biodiversidade e ambiente, utilizando das terras de uma forma adequada às condições naturais.

O aumento exponencial da população e algumas das políticas agrárias estudadas desenvolvidas e implementadas, têm dado origem a uma agricultura na qual predominam sistemas de produção intensivos, com recurso a produtos fitofármacos de síntese e fertilizantes que na generalidade apresentam consequências graves ao ambiente, destacando o crescente cancelamento de substâncias activas pela indústria química e a presença massiva de nitratos e fosfatos nas toalhas freáticas.

Os recursos naturais estão a esgotar-se, algo tem que ser feito. Como grandes agricultores, os Portugueses sempre se souberam adaptar às circunstâncias dos tempos e surge na memória o ditado “nem tudo ao mar, nem tudo á terra” Temos que no nosso planeamento agrícola ter sempre em consideração o que foi dito, todavia, a perfeição é difícil de obter, mas devemos tê-la como objectivo.

A classificação dos sistemas agrícolas como sustentáveis é difícil e teriam práticas de difícil implementação na actual estadia de desenvolvimento, mas cada vez mais procuramos a não-agressão ambiental. O sustentável tem de compatibilizar a função de produção de alimentos e matérias-primas, serviços como acção social e ambiente como preservação do local onde vivemos.

Falar hoje de agricultura sustentável, como disse, é difícil e tem muito a ver com a dinâmica de conhecimento do pensador e dos seus interesses. Há consciencialização global e é esta que prevalece actualmente, mesmo sendo subjectiva. Para melhor entendimento vamos abordar o paradigma dos fertilizantes numa das suas vertentes.

O interesse por fertilizantes que possam garantir maior sustentabilidade na agricultura, aumentou nos últimos anos, e tem-se consolidando como resposta á crescente procura de alimentos. As outras vertentes preocupam-se principalmente com os prejuízos trazidos à saúde humana e ao desequilíbrio dos ecossistemas. Com este paradigma e neste contexto, a agricultura moderna cada vez mais, tem que se adaptar a um mundo globalizado, capaz de satisfazer os consumidores e trazer respostas a questões de responsabilidade ambiental, económica e social, para que o desenvolvimento rural seja harmonioso e sustentável.

Antes tínhamos a adubação verde como única prática de fertilização do solo, que consiste na plantação de espécies capazes de reciclar os nutrientes para tornar o solo mais fértil e produtivo. O uso de plantas leguminosas que servem como fertilizantes verdes e o Rhizobium leguminosarum que em simbiose sintetiza o azoto atmosférico.

Além da sustentabilidade, o uso de leguminosas como adubos verdes significa economia para o produtor. Os fertilizantes minerais são um recurso não renovável e tem um preço elevado.

O uso criterioso dos efluentes pecuários é outra forma de introduzir no sistema fertilização a baixo custo já noutro artigo mencionei este facto.

Com tantos conceitos até parece difícil ser agricultor, e é.

Muitos vêm esta actividade agrícola de uma forma desprestigiante, outros de uma forma para criar valor, outros como única forma de produzir alimentos para sustento da humanidade e outros como algo que nem sei bem definir. Todos estarão certos, mas poucos põem mãos á obra e é a estes que eu quero prestar uma homenagem e pessoalmente dizer OBRIGADO.

Um prospero ano de 2021 para todos e suas famílias.

Fernando Taveira

UDDERMINT...
 Ao primeiro sinal de perturbação

- Limpa e alivia
- Uma ajuda para a saúde do úbere
- O linimento favorito dos criadores de vacas leiteiras

Consulte os nossos serviços técnicos

CEDRO-DO-LÍBANO

ÁRVORE DIVINA



“Cedros, / Árvores imponentes, / Imensas, / Agrupadas, / Broches verdes no peito do Líbano. / Dos seus troncos / Saíram navios, / Altares, / Templos. / Seus ramos e suas folhas / Testemunharam impérios, / Religiões, / Raças. / A alma do Líbano se eleva / Quando ora / Sob os cedros do Senhor.”

(Raquel Naveiro)

Poucos países têm uma árvore na bandeira. O Líbano, que associamos quase sempre a acontecimentos trágicos como as explosões de 4 de Agosto deste ano que destruíram o porto e parte de Beirute, elegeu o cedro como símbolo nacional e ostenta-o na bandeira. As duas faixas vermelhas dos topos representam o sangue derramado pela libertação. A branca do centro será a pureza, as neves das montanhas, a paz sempre desejada. Com o cedro verde estampado ao centro quiseram os libaneses representar a eternidade, estabilidade, felicidade e prosperidade. “Um cedro sempre verde é um povo sempre jovem” consta na proclamação de independência do Líbano. A palavra hebraica para designar cedro quer dizer “ser firme”. Já em 2005 o cedro desceu de novo das montanhas e alimentou o fervor da Revolução dos Cedros que congregou todas as confissões religiosas e obrigou à retirada das tropas sírias.

O Cedro-do-Líbano é uma conífera natural das regiões montanhosas mediterrânicas do Líbano, Síria, Turquia e Chipre. Já foi muito mais abundante mas ainda se encontra em altitudes dos mil aos dois metros em povoamentos puros ou mistos com o pinheiro-larício, abetos, carvalhos, Juniperos e zimbros. É uma árvore de grande longevidade e embora possa viver mais dum século, os exemplares mais antigos são cada vez mais raros pela exploração a que sempre esteve sujeita. A UNESCO aproveitou para reconhecer como património

mundial um pequeno e residual núcleo de árvores ainda sobrevivente (Horsh Arz el-Rab).

Características botânicas

Folhas: Perenes, em forma de agulhas, espaçadas nos ramos ou em grupos de 20 a 40, sobretudo nos ramos menores. São relativamente curtas (1 a 3 cm) e de cor verde a glauco azul-esverdeado.

Flores: Os primeiros estróbilos (pinhas) aparecem apenas quando as árvores atingem os 20 a 40 anos. Normalmente aparecem de 2 em 2 anos e amadurecem 12 meses após a polinização, no começo do Outono, medindo 8 a 11 cm de comprimento e 4 a 6 cm de largura.

Frutos: As sementes (pinhões) aladas libertam-se dos estróbilos abertos ao longo do inverno e apresentam 1,5 cm de comprimento e 0,5 cm de diâmetro. A asa triangular é proporcionalmente grande e desempenha um papel importante na disseminação das sementes.



Tronco: Cilíndrico, recto mas frequentemente inclinado ou mesmo retorcido. A casca de cor pardo-acinzentada pode atingir os 4 cm de espessura.

Perfil: Árvore de crescimento muito lento mas de grande longevidade pelo que pode atingir 40 metros de altura e mais de 2,5 metros de diâmetro na base do tronco. A copa apresenta-se alta. Os ramos tendem para a horizontal até aos 15 metros e dispõem-se em camadas. Como se fossem altares suportados por um tronco maciço e raízes profundas. Beleza, perfume e força. Árvores majestosas e soberbas que só a poderosa voz dos deuses pode rebaixar, como consta nos livros sagrados.

A importância do Cedro-do-Líbano advém-lhe da qualidade da sua madeira que em parte se deve às condições adversas que caracterizam a região em que cresce. Desde a antiguidade que é utilizada pelas diferentes civilizações locais para os mais diversos fins. Os Fenícios usaram-na na construção da frota com que sulcaram o Mediterrâneo mas também os romanos, gregos, assírios, egípcios e babilónios dela usufruíam.



Eram de cedro os tectos do Templo de Salomão. Usaram-se as resinas de cedro na mumificação dos corpos dos Faraós. Queimaram-no os Judeus no Monte das Oliveiras para anunciar o Ano Novo. Os sacerdotes judaicos usaram a casca do cedro nas cerimónias da circuncisão e no tratamento da lepra. Também era de cedro a cruz que Jesus carregou e onde foi sacrificado.

Lamartine disse que os Cedros-do-Líbano “são seres divinos sob a forma de árvores”. Nada impede que seja plantado em parques e jardins. Difícil, é conceber a envôlvia que permita que o seu espírito se liberte. Fez história o majestoso Cedro-do-Líbano do Jardim Botânico da Ajuda derrubado por um tufão a treze de Dezembro de 1864. Consta que sob a sua frondosa copa havia um banco onde o rei D. José frequentemente se sentava para fruir da bendita sombra e da amorosa companhia de D. Teresa, nora do Marquês de Távora. E aí nasceu o atentado, a condenação, a morte, a maldição... A tudo o cedro assistiu, até ser rebaixado da sua postura majestática. Só não sabemos por que Deus, ou pela voz de que Deus...

Mário Cupido

Os três B's da saúde do úbere

João Cerqueira¹, Maria Inês Antunes¹, Ismael Machado¹, Rui d'Orey Branco¹

1 – Serviços de Melhoramento Animal – Lacticoop, Tocha

A importância de um úbere saudável não é novidade no dia-a-dia dos produtores. A sua manutenção torna-se vital no bom aproveitamento de todo o potencial produtivo do animal. No entanto, existem três tópicos principais que entre si, estabelecem as relações que mais podem comprometer a garantia de um úbere íntegro, conhecidos como os três B's:

- Bacteria (bactérias);
- Bedding (camas);
- Better management (melhor manejo);

Estes três pontos, descritos por Hagenow (2020), focam essencialmente a relação entre a quantidade de bactérias presentes nas camas e a incidência de patologias do úbere. Contudo, a base desta relação advém de questões como o material utilizado e as rotinas higiénicas que possam comprometer a função de conforto, tração, absorção e manutenção da higiene das vacas.

Bactérias presentes nas camas e saúde do úbere:

O tipo de camas utilizadas na exploração influencia em grande escala a exposição a microrganismos causadores de mastites ambientais. Numerosos estudos, indicam a relação positiva entre o tipo de cama utilizado, a proliferação de bactérias e a influência negativa que apresenta na saúde do úbere. Patel (2019), relacionou a influência que o tipo de cama poderia ter na proliferação de bactérias e na consequente saúde do úbere. De entre todos os tipos de cama (areia, estrume seco, palha e serrim), um resultado mostrou-se como constante. De todas as vezes que a contagem nas camas de coliformes (*E. coli*, *Klebsiella* spp.), *Streptococcus* spp. e/ou *Staphylococcus* spp. aumentava, a saúde dos úberes regredia independentemente do tipo de cama.

Manejo e gestão das camas

A gestão das camas apenas pode ser eficaz, quando a relação entre as bactérias presentes na cama e a saúde do úbere estiver desmistificada. O tipo de material utilizado, seja ele de origem orgânica (estrume seco, palha ou serrim) ou inorgânica (areia) é uma escolha que assente em questões multifatoriais como a região, clima, conforto do animal e também conforto do produtor em termos de gestão do material. A utilização de areia em maior parte das explorações evidencia-se como uma escolha sensata devido à menor capacidade de proliferação de bactérias causadoras de mastites.

No entanto, a utilização material orgânica como estrume seco, não indica necessariamente uma preocupação, desde que devidamente processado.

Gestão de estrume seco e areia

A manutenção de uma contagem de bactérias baixas está associada diretamente a uma percentagem de matéria seca (MS) superior à percentagem de matéria orgânica (MO) presente nas camas. Garantindo esta relação, promover-se-á uma contagem de bactérias menor e consequente melhoria da saúde do úbere e qualidade do leite.

Ao utilizar areia, a percentagem de MO deverá manter-se inferior a 1,5% e a percentagem de MS deverá fixar-se nos 95%, sendo que factores como o tamanho das partículas deverá ser sempre considerado.

Ao utilizar estrume seco, o valor proposto de percentagem de MS fixa-se no igual ou superior a 65%. Husfeldt (2012), comprovou que a utilização de estrume seco, devidamente tratado, como material de cama revelou-se como vantajoso quando comparado com explorações que utilizavam camas de outros materiais. Também um estudo realizado pela Upper Midwest Agricultural Safety and Health (UMASH) and McLanahan indicou que a utilização de estrume seco como material de cama, desde que devidamente processado, apresentava resultados satisfatórios aquando da medição da carga bacteriológica presente nas camas e na posterior avaliação da saúde do úbere.

Recomendações para parques com cubículos:

- Design de cubículos adequado, para evitar que os animais defequem nas camas;
- Adição diária de material orgânico devidamente tratado, nos cubículos;
- Remoção de material orgânico húmido o maior número de vezes possível ao dia;
- Evitar a acumulação de estrume e água nos caminhos;

Recomendações para parques livres:

- Limpeza profunda uma vez por ano
- Se animais sujos, mudar a cama
- Arejar duas vezes ao dia, para garantir a compostagem
- Utilizar material adequado (Ex.: Serrim)
- Procedimentos pré ordenha extra cuidadosos

Em suma, a saúde do úbere é diretamente influenciada pelo tipo de manejo aplicado na exploração. Um manejo inadequado das camas poderá levar a uma proliferação indesejada e incontrolável de bactérias causadoras de mastites ambientais comprometendo gravemente a produtividade da exploração em termos de qualidade, e quantidade de leite. Por outro lado, a escolha e manejo adequado das camas, poderá promover significativamente a melhoria da produtividade da exploração, não só a nível económico, mas também a nível da qualidade de vida dos animais.

Baseando no artigo de Hagenow, A. 2019

Bibliografia

A. W. Husfeldt (2012). Management and characteristics of recycled manure solids used for bedding in Midwest freestall dairy herds. *Journal of Dairy Science*.

Diaz-Royón, A. G. (16 de Agosto de 2019). Recycled Manure Solids as Bedding. Obtido de <https://dairy-cattle.extension.org/recycled-manure-solids-as-bedding/>

Hagenow, A. (29 de Dezembro de 2020). *Progressive Dairy*. Obtido de *Progressive Dairy*: https://www.progressivedairy.com/topics/herd-health/the-3-b-s-of-udder-health?utm_source=Newsletters&utm_medium=email&utm_campaign=010721PDnewsletter&fbclid=IwAR3Jw9bYVM_Gp5HHEkDy10tCbiUAAqQjfcSS7WKDg94lqSya_lprDM4o-M

Hagenow, A. (29 de December de 2020). *Progressive Dairy*. Obtido de *Progressive Dairy*: https://www.progressivedairy.com/topics/herd-health/the-3-b-s-of-udder-health?utm_source=Newsletters&utm_medium=email&utm_campaign=010721PDnewsletter&fbclid=IwAR3Jw9bYVM_Gp5HHEkDy10tCbiUAAqQjfcSS7WKDg94lqSya_lprDM4o-M

K. Patel, I. S. (2019). Relationships among bedding materials, bedding bacteria counts, udder hygiene, milk quality, and udder health in US dairy herds. *Journal of Dairy Science*.

SÓ COM ENTEC® USUFRUI DE TODOS OS NUTRIENTES

ENTECC®

AUMENTO DA EFICIÊNCIA NO USO DOS NUTRIENTES

Garantia da disponibilidade de azoto e fósforo desde os estados iniciais e ao longo de todo o ciclo

MENOR NÚMERO DE APLICAÇÕES E MAIOR FLEXIBILIDADE

Menos aplicações e fórmulas adaptados a todos os momentos de aplicação

COMPATÍVEL COM A PROTEÇÃO CLIMÁTICA E AMBIENTAL

Redução das perdas de nitratos por lixiviação e das emissões de gases de efeito de estufa



DEIBA

Parque Industrial de Mitrena, Lotes 42-45
2910-738 Setúbal PORTUGAL
Tel: +351 265 709 660 | www.adubosdeiba.com



EuroChem Agro Iberia, S.L.
www.eurochemiberia.com



Acidose Ruminal



Maximizar a produção de leite sem incorrer em acidoses tornou-se num dos grandes desafios de nutricionistas e produtores de leite, uma vez que alimentar a vaca com alimentos altamente fermentescíveis de maneira a providenciar energia necessária para altas produções de leite aumenta o risco de acidoses.

A acidose é uma doença metabólica caracterizada por uma quebra do pH ruminal 6,4-6,5 para 5,5-5,8. Esta doença é causada pela ingestão elevada de alimentos ricos em hidratos de carbono não fibrosos (CNF) dos quais fazem parte os amidos e os açúcares.

Tipos:
Existem dois tipos de acidoses :

Acidose clínica ou aguda – caracterizada por uma quebra drástica do pH (<4,8) mantendo-se baixo por um período superior a 24 horas (Owens et al., 1998) , causada normalmente por um acumular de ácido láctico no rúmen derivado ao consumo abrupto de hidratos de Carbono rapidamente fermentescíveis.

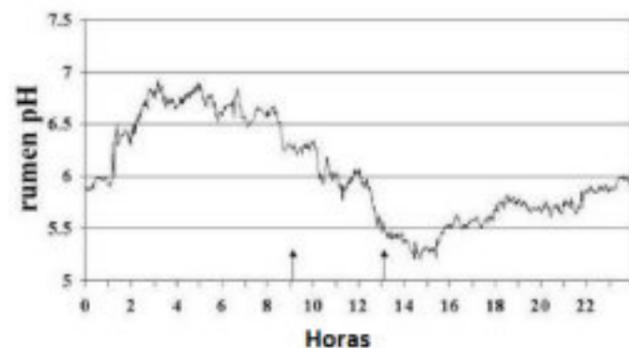


Fig1 - Medições contínuas do pH ruminal de uma vaca ao longo do dia. As setas indicam a altura em que foi fornecido concentrado para simular a acidose sub-clínica.

Os sintomas de uma acidose clínica compreendem:

- Anorexia
- Dor abdominal
- Frequência cardíaca elevada
- Respiração acelerada
- Letargia
- Diarreia
- Morte

Acidose sub-clínica - é caracterizada por repetidas quebras no pH ruminal, mas ao contrário do que se passa na acidose clínica, o pH volta a recuperar para valores normais (figura 1). Estes episódios de baixo pH normalmente duram vários minutos ou várias horas. Os ataques longos (> 3-4 h) são motivo de preocupação porque afetam negativamente a digestão de fibras (Russell e Wilson, 1996), diminuem a capacidade de absorção do epitélio ruminal, podendo danificar o mesmo (Harmon et al., 1985).

Estas quebras no pH são causadas pela acumulação de ácidos gordos voláteis (Acético, Propiónico e Butírico) no rúmen. Aquando da digestão dos alimentos estes ácidos aumentam no rúmen fazendo com que o pH baixe, com o passar do tempo vão sendo absorvidos e tamponizados levando a um aumento do pH.

Os sintomas de uma acidose sub-clínica compreendem:

- Fraca Ruminação
- Quebra na Ingestão
- Quebra na Produção
- Baixa na gordura do leite

Este dado não é muito fiável para vacarias de alta produção. As produções elevadas de leite podem mascarar o teor de gordura do leite, além disso os animais de alta produção têm uma capacidade elevada de ingestão com velocidades de

transito do alimento através do rúmen muito rápidas . A conjugação destes fatores com a dieta poderá justificar que vacarias com baixo teor de gordura, por vezes mais baixo que o teor em proteína não apresentem sinais de acidose (Calsamiglia,S.,2014). Por outro lado, vacarias com bons teores em gordura poderão estar em acidose.

- Postura Arqueada(figura 2)



Fig2 -Vaca com acidose

- Fezes Moles
- Fezes Espumosas
- Fezes mal digeridas (com muito grão e partículas acima dos 6mm)



Fig3 -Fezes de animais com acidose

Com o avançar do tempo:

- Perda de peso
- Laminites
- Abscessos

Prevenção:

A chave para a prevenção consiste na redução da quantidade de hidratos de carbono fermentescíveis consumidos em cada refeição. Isso requer tanto boa formulação de ração (equilíbrio adequado de fibras e CNF) e um bom manejo da manjedoura.

- Os animais mais sujeitos a acidoses sub-clínicas são os animais recém-paridos,é por isso importante fazer um bom pré-parto de maneira a permitir que haja uma mudança gradual na população bacteriana do rúmen e uma adaptação das papilas ruminais ao aumento dos CNF no arraçoamento. Esta adaptação demora entre 4-6 semanas.
 - Como o risco de acidose aumenta com o aumento dos CNF no arraçoamento, deve-se tentar baixar a velocidade de fermentação providenciando ao animal forragens de boa qualidade e com um bom nível de fibra efectiva permitindo assim um aumento da ruminação e consequentemente um aumento na produção de saliva que tem um efeito tampão. Cerca de 70% do NDF total do

arraçoamento deve ser fornecido pela forragem.

- Deve-se tamponizar bem o arraçoamento (bicarbonato de sódio, óxido de magnésio, tampões compostos). O NRC 2001 recomenda a utilização de 0,75% de bicarbonato de sódio na matéria seca do arraçoamento total.
 - A administração de leveduras tem um efeito positivo no ambiente ruminal,
 - Evitar um tempo de mistura prolongado do TMR(unifeed) afim de evitar uma redução do tamanho das partículas e o conteúdo de fibra efectiva.
 - Evitar a heterogeneidade do unifeed evitando que o animal escolha,ou seja garantir um comprimento adequado de corte para a forragem e silagem.
 - Garantir um espaço na manjedoura para todos os animais de maneira a evitar competição pelo alimento.

Exemplo do custo de um acidose sub-clínica numa exploração de 100 animais com 180 dias em leite e uma ingestão média de 22kg de matéria-seca com uma produção média de 33 litros, considerando o preço do litro de leite a 0,315€ e a valorização da gordura em +/- 0,0002€ por centésima.

	Sem acidose sub-clínica	Com acidose sub-clínica
Ingestão	22kg	15,8kg
Índice de Conversão	1,5	1,5
Litros/ dia	33	29,7
Gordura Bruta %	3,8 (+ 10 centésimas que o valor padrão)	3,5 (-20 centésimas do que o valor padrão)
€ animal/dia	10,397	9,3515
€ exploração/dia	1039,7	935,15
Custo/dia (€)		104,55€

No caso acima tivemos em conta somente a quebra na ingestão, a produção de leite e o teor de gordura, no entanto, não devemos esquecer outros custos como por exemplo tratamentos podais e refugio.

Vários estudos a nível mundial ao longo dos últimos demonstram que o custo direto e indireto de uma acidose sub-clínica por vaca ano é superior a 210€.

A acidose sub-clínica é uma doença subtil, cara, e muito comum em vacas de alta produção. Fale com o seu nutricionista de maneira a otimizar a prevenção desta doença.

João Sousa



Da esquerda para a direita – António Vieira, Carlos Vieira e Julio Vieira, duas gerações a produzir leite com sucesso.

EXPLORAÇÃO: SOCIMILK, LDA

Nome: António Lopes Vieira

Cargo: Sócio-Gerente

Formação: Escolaridade obrigatória com várias formações na área

▪ **Onde se situa a sua exploração?**

A exploração está localizada na freguesia de Santa Joana, distrito de Aveiro.

▪ **Quantos animais tem em ordenha?**

Atualmente temos 220 vacas em ordenha, com uma frequência de duas ordenhas por dia.

▪ **Que raças tem na sua exploração?**

Temos animais da raça Holstein Frísia.

▪ **Quantos trabalhadores tem na sua exploração?**

A exploração tem 6 trabalhadores.

▪ **Há quanto tempo trabalha na indústria leiteira?**

Uma vez que se trata de uma exploração familiar, poder-se-á dizer que estou em contacto com esta realidade desde que nasci. A trabalhar na exploração, provavelmente há cerca de 40 anos.

▪ **Como caracteriza a sua exploração? E quais os seus principais objetivos?**

Trata-se de uma exploração familiar, de dimensão média. Contudo, a história desta exploração iniciou-se há 50 anos atrás, com o meu pai a adquirir uma vaca em 1970. A exploração, de nome JÚLIO FERREIRA VIEIRA viria a crescer ao longo dos anos, sendo que nos meus 20 anos de idade, o meu pai foi abordado para criar um projeto em meu nome individual. Uma vez que tem 2 filhos, optou por não aceitar a proposta para não beneficiar um em detrimento do outro, continuando a trabalhar e a desenvolver a exploração sem precisar de recorrer a apoios externos.

Em 2012, a exploração passa a chamar-se SOCIMILK, uma sociedade entre mim, o meu pai Júlio e o meu irmão Carlos e assim se mantém até aos dias de hoje. Todo este crescimento só foi possível com muita dedicação, determinação e com uma boa escolha de parceiros de negócios.

Por enquanto, os principais objetivos tratam-se de manter a nossa produção, melhorando a genética do efetivo, por forma a manter a produção de leite com um menor número de animais.

▪ **Quais consideram ser os fatores-chave para o sucesso da sua exploração?**

Tivemos sempre a preocupação de tomar as decisões com base numa análise profunda e ponderada na relação custo-benefício. Acima de tudo a nossa dedicação, vontade de vencer, discricção e sorte com os parceiros que escolhemos para trabalhar ao longo destes anos.

▪ **Qual a sua opinião sobre o estado atual da indústria leiteira e quais as perspetivas em relação ao futuro?**

Se o preço do leite não sofrer um aumento a curto prazo entre 3 a 4 cêntimos por litro, a produção de leite poderá estar em risco no nosso país. Considero que estes 3 a 4 cêntimos por litro de leite será a margem mínima de sobrevivência para a maioria das explorações. Temos de ter em conta este ano atípico, que embora não tenha prejudicado a venda do leite, aumentou bastante os custos associados à sua produção. Torna-se difícil perspetivar o futuro, mas creio que se formos resilientes e apostarmos no desenvolvimento e inovação poderemos subsistir nestes tempos difíceis.

Considero da maior importância que a indústria seja capaz de utilizar a matéria-prima em novos produtos que permitam incrementar maior valor acrescentado ao leite e que esse incremento seja distribuído por todos os agentes da fileira a começar pelo produtor de leite.

▪ **O que tem a dizer sobre o decorrente projeto de certificação em Bem-Estar Animal?**

Acho que é um projeto que faz todo o sentido na indústria e torna-se também muito útil para nós produtores, uma vez que nos alerta para situações que requerem melhorias e que provavelmente nos passarão ao lado.

As melhorias nas explorações envolvem custos e também por isso deveriam ser compensados na valorização do leite.

▪ **Como correu a auditoria do Bem-Estar Animal na sua exploração? O que achou das propostas de melhoria sugeridas pelos auditores?**

A auditoria correu dentro da normalidade, com sugestões de melhorias pertinentes e cuja ação traz sem dúvida melhorias no bem-estar dos nossos animais.

▪ **Tem alguma mensagem que gostaria de deixar aos seus colegas de profissão?**

Que continuem com a força de vontade e resiliência que nos caracteriza. Só assim poderemos enfrentar a situação atual com a perspetiva de um futuro melhor.

NOVIDADE FISCAL 2021

DECLARAÇÃO MENSAL DE IMPOSTO DO SELO

Esta declaração destina-se ao cumprimento da obrigação prevista no artigo 52.º - A do Código do Imposto do Selo (CIS). A nova Declaração Mensal de Imposto do Selo (DMIS) apenas se aplicará às operações realizadas a partir de 1 de janeiro de 2021, a liquidar em fevereiro deste ano. Esta declaração vem substituir a inclusão das operações sujeitas e não isentas a imposto do selo na Declaração de retenções na fonte e imposto do selo (vulgo Guia Multi-imposto), e que passa também a incluir a as operações isentas de imposto do selo.

1 - QUEM DEVE APRESENTAR A DECLARAÇÃO?

A DMIS deve ser apresentada pelos sujeitos passivos referidos no n.º 1 do artigo 2.º do CIS, ou seus representantes legais, que tenham realizado operações, atos, contratos, documentos, títulos, papéis e outros factos ou situações jurídicas previstos na Tabela Geral, sobre os quais incida Imposto do Selo. Tratando-se de imposto devido por operações de crédito ou garantias prestadas por um conjunto de instituições de crédito ou de sociedades financeiras, nos termos do n.º 2 do artigo 23.º do CIS, a DMIS deve ser apresentada pela entidade que liquidou o imposto. Esta declaração deve ser sempre apresentada pelos sujeitos passivos, quer estes tenham liquidado imposto, quer só tenham realizado operações isentas. Ou seja, só não existe obrigação de entrega da mesma se relativamente ao período de referência não tiver sido realizada nenhuma operação sujeita a Imposto do Selo.

2 - QUANDO DEVE SER APRESENTADA A DECLARAÇÃO?

A DMIS deve ser apresentada até ao dia 20 do mês seguinte àquele em que a obrigação tributária se tenha constituído.

3 - COMO DEVE SER APRESENTADA A DECLARAÇÃO?

Obrigatoriamente por via eletrónica

4 – EXEMPLOS DE OPERAÇÕES E SEU REPORTE

4.1 – EMPRÉSTIMO PARA COBERTURA DE OPERAÇÕES DE TESOURARIA ENTRE 2 SOCIEDADES

A sociedade X é detentora de uma quota de 40% na sociedade Y. A sociedade X concede um empréstimo de € 15.000,00 (contrato de mútuo) à sociedade Y para suprir carências de tesouraria, com um prazo de 6 meses. Esta operação deve ser incluída na DMIS?

Sim, deve ser incluída pois trata-se de uma operação enquadrável na verba 17.1.1 da TGIS. Sendo uma operação sujeita a Imposto do Selo encontra-se isenta por enquadramento na alínea g) do n.º 1 do artigo 7º do CIS. Será a sociedade X, que concede o empréstimo quem deve proceder à entrega da DMIS, indicando o NIPC da sociedade Y, como entidade titular do encargo, ainda que a operação seja isenta.

4.2 – EMPRÉSTIMOS DE CURTO PRAZO EFETUADOS POR PESSOA SINGULAR A UMA SOCIEDADE

Sócio pessoa singular efetua empréstimos à sociedade da qual é sócio (quota de 20%), em que o prazo de utilização dos créditos é de 6 meses, no valor de € 10.000,00. Esta operação deve ser incluída na DMIS?

Sim, deve ser incluída pois trata-se de uma operação enquadrável na verba 17.1.1 da TGIS. Neste caso, sendo o concedente do crédito um particular caberá à sociedade (utilizadora do crédito) proceder à entrega da DMIS. Ou seja, a entidade a quem compete a entrega da declaração é também a que suporta o encargo com o imposto do selo.

4.3 – SUPRIMENTOS EFETUADOS POR PESSOA SINGULAR A UMA SOCIEDADE

Sócio pessoa singular efetua suprimentos à sociedade da qual é sócio (quota de 20%), em que o prazo de utilização do crédito é de 2 anos, no valor de € 20.000,00. Esta operação deve ser incluída na DMIS?

Sim, deve ser incluída pois trata-se de uma operação enquadrável na verba 17.1.2 da TGIS. Sendo uma operação sujeita a Imposto do Selo encontra-se isenta por enquadramento na alínea i) do n.º 1 do artigo 7º do CIS. Será a sociedade, que usufrui do empréstimo quem deve proceder à entrega da DMIS (uma vez que o sócio é particular), indicando o NIPC da sociedade, como entidade titular do encargo, ainda que a operação seja isenta.

4.4 – PAGAMENTO DE DESPESAS DA SOCIEDADE PELO SÓCIO

O sócio da sociedade X pagou, durante o mês de janeiro, as faturas de eletricidade (no dia 5 no valor de € 100,00) e de comunicações (no dia 20, no valor de € 200,00) da sociedade, uma vez que esta não tinha liquidez para o pagamento de tal despesa. Esta operação deve ser incluída na DMIS?

Se os valores são para restituir ao sócio assim que haja liquidez, trata-se de adiantamentos por conta de despesas e não de empréstimos, logo não são operações sujeitas a imposto do selo, pelo que não são incluídas na DMIS.

Só haverá sujeição a imposto do selo nas seguintes situações: i) o sócio empresta dinheiro à sociedade para que esta efetue diretamente as despesas, caso em que a operação seria enquadrável no âmbito das contas correntes, tributada nos termos da verba 17.1.4. da TGIS. Esta operação é reportada na DMIS (ver exemplo 4.5).

ii) o sócio convence com a sociedade o diferimento do vencimento dos seus créditos seus sobre a sociedade, desde que o

crédito fique tendo carácter de permanência, ou seja, prazo de

restituição superior a 1 ano – contudo, neste caso, a operação passa a beneficiar da isenção conferida aos suprimentos, ainda que seja de declarar na DMIS (ver exemplo 4.3).

4.5 – EMPRÉSTIMO EM CONTA CORRENTE DO SÓCIO PESSOA SINGULAR À SOCIEDADE

O sócio vai transferindo fundos para a sociedade à medida que esta lhe solicita. Quem efetua as despesas é a sociedade e não o sócio. O saldo acumulado das transferências para a sociedade efetuadas pelo sócio a 1 de janeiro de 2021 era de € 2.550,00. No dia 10, o sócio foi reembolsado de € 300,00 e nos dias 20, 21 e 22, transferiu para a sociedade, respetivamente de € 220,00, € 440,00 e € 1.000,00. Esta operação deve ser incluída na DMIS?

Sim, deve ser incluída pois trata-se de uma operação enquadrável na verba 17.1.4 da TGIS. Neste caso, sendo o concedente do crédito um particular caberá à sociedade (utilizadora do crédito) proceder à entrega da DMIS. Ou seja, a entidade a quem compete a entrega da declaração é também a que suporta o encargo com o imposto do selo. Para o apuramento do imposto haverá que apurar a média mensal obtida através da soma dos saldos em dívida apurados diariamente, durante o mês, divididos por 30.

4.6 - TRESPASSE DE NEGÓCIO

Perante um trespasse sujeito a imposto de selo, pretendem as entidades envolvidas proceder ao respetivo pagamento e cumprimento declarativo. O trespasse foi no valor de € 50.000,00. Esta operação deve ser incluída na DMIS?

Sim, deve ser incluída, pois trata-se de uma operação enquadrável na verba 27.1 da TGIS. Neste caso, será o trespasante quem deve proceder à emissão da guia indicando nesta o adquirente do direito como entidade titular do encargo.

Fontes:

Pontos 1, 2 e 3 - instruções de preenchimento da DMIS – Autoridade Tributária e Aduaneira

Ponto 4 - Ordem dos Contabilistas Certificados

Vítor Tavares

Paula Vinhas

FERTINAGRO
Renovation FUERZA
EcoPhos-K

- ✓ Fornecimento de cálcio- elemento condutor para a fixação de azoto e para que os restantes nutrientes sejam facilmente assimilados;
- ✓ Fornecimento de fósforo- indispensável ao bom desenvolvimento radicular e ao afilhamento;
- ✓ Excelente desenvolvimento inicial das plantas, encanamento e maturação do grão;
- ✓ Diminuição do aborto floral;
- ✓ Uso máximo dos nutrientes fornecidos, reduzindo o custo da fertilização;
- ✓ Rentabilidade máxima para a produção obtida.

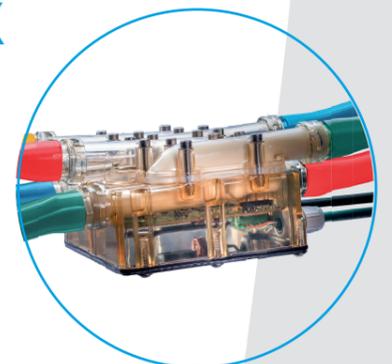
FERTINAGRO
BIOTECH



Eficiência excepcional com um só robot ou num sistema Multibox

Todo o processo de ordenha numa única colocação

O GEA DairyRobot R9500 proporciona qualidade de leite, eficácia no trabalho e produtividade ininterrupta. Um desenho moderno e funcional, adaptado à sua exploração.



Para mais informação

PARA QUE SERVE O MINIFÚNDIO DO CENTRO LITORAL?

“ Os fogos são assim: voltam a casa como animal de boa memória e má índole. Sabem os pastores, sabem os arquitectos: o fogo ensina um novo caminho para as cabras, o fogo ensina um novo caminho para as casas. “ (Gonçalo Tavares)

Uma parte significativa do arvoredo das Matas Nacionais Litorais afectadas pelo incêndio de 2017 permanece no terreno e onde se procede à sua remoção rasga-se a débil manta orgânica de forma pouco cuidada pondo em causa uma eventual regeneração natural. De replantação não se fala para além das poucas acções publicitárias infelizes como as do Pinhal do Rei.

Mais para dentro, de Quiaios a Aveiro, nas parcelas privadas que caracterizam o minifúndio do Centro Litoral, a situação é semelhante. É aqui que se têm registado as taxas mais elevadas de abandono da actividade agrícola a nível nacional e os proprietários (herdeiros, não agricultores e frequentemente ausentes) têm cada vez mais dificuldade em cumprir a “lei da prevenção de fogos” que de facto apenas está a cimentar uma cultura de “bota a baixo” e a acelerar a deflorestação. O que está em causa nesta faixa litoral não é só a não produção agrícola e florestal não obstante o país importe cerca de metade do que come (11 278 milhões de euros em 2019) e as duas unidades de celulose localizadas nos extremos (Figueira da Foz e Cacia) também tenham que importar cerca de 20% dos toros que laboram. É que a continuar esta tendência de abandono e desleixo e a confirmarem-se as alterações ambientais previstas e as consequências sobre as faixas costeiras mais sensíveis como esta, é mesmo a sobrevivência destes solos que está em causa.

Um passado recente

E no entanto estes solos arenosos, protegidos da maresia, ricos de água e engordados com estrume e moliços, já foram férteis, com boas produções, principalmente de batata primor, milho e forragens. A produção de leite que assentava sobretudo na faixa mais litoral, iniciou-se com a instalação de alguns industriais de lacticínios na região e foi incrementada pela Federação dos Grémios da Lavoura da Beira Litoral com o objectivo principal de abastecer a cidade de Lisboa. Depois de Abril de 1974, com o fim do regime corporativo, foi principalmente a produção de leite que contribuiu para a desejada organização de produtores e o aparecimento das cooperativas agrícolas.

A estrutura de recolha, primeiro postos de recolha, depois salas colectivas de ordenha mecânica e os possíveis serviços de vulgarização, permitiram o escoamento das produções com um mínimo de qualidade, um retorno importante para os produtores e também para o minifúndio que assim se manteve ocupado e produtivo. As explorações leiteiras individuais que naturalmente começaram a aparecer com estábulos melhorados e equipamentos de ordenha e refrigeração eficientes, sentiram desde logo a pouca e muito fragmentada área agrícola e de formas diversas alavancaram o emparcelamento para ultrapassar este factor limitante da produção. Em 1989, a Região Centro detinha 38 153 explorações leiteiras que representavam 38,5 % do total nacional. As vacas eram 119 728 que correspondiam a 29,5 % das existências no país. Em 2013, a queda dos preços pagos à produção, consequência da concorrência europeia e quebra do consumo,



entre outros factores, acelerou o encerramento das explorações leiteiras e por arrasto todas as actividades agrícolas e o abandono dos campos. No período referido (1989/2013) e na mesma Região Centro, as explorações caíram para 1712 e as vacas para 37218. No período 1999/2009, só na Beira Litoral, vivemos dois recordes nacionais pela negativa. Perdemos 38% das explorações agrícolas e 46% da população agrícola. É claro que isto aconteceu de formas diferentes de concelho para concelho mas é evidente que foi mais sentido na faixa litoral entre Quiaios e Aveiro. Foram exatamente estes campos que nos anos 1940/1945 tiveram que ser protegidos do avanço das areias (que avançava 20 metros por ano) mediante a sementeira das dunas.

Futuro preocupante

Ultimamente e cada vez mais, quando se fala de abandono na agricultura pensa-se no interior do país e quase sempre como forma de prevenir os incêndios. Aliás, Ana Abrunhosa, ministra do interior, perdão, da Coesão Territorial, até agora responsável pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro, definiu como prioridade o interior, mormente, as suas áreas ardidas.

Alguns projectos já estão mesmo a ser implementados com prioridade ou exclusividade para o interior. O litoral está fragilizado e, como o passado recente nos ensina, é instável e não conta com a resiliência granítica do interior. O senhor ministro do Ambiente e da Acção Climática numa entrevista recente, confrontado com a questão dos incêndios e os atrasos na gestão das matas do Estado, não é nada claro e fala em “mudar a paisagem com 1,5 mil milhões, levar a agricultura onde não existe desenhando mosaicos, arrendamento forçado, muscular a capacidade do Estado...” Também Álvaro Amaro, ex-governante da área agrícola e agora à frente do município da Guarda, referindo-se ao “Pacote de Recuperação Europeu” e especialmente à rubrica “Coesão, Resiliência e Valores” que deverá disponibilizar a Portugal 1 099,7 milhares de milhões de euros adianta que com a aplicação destes apoios “os portugueses, mas principalmente as gentes do interior, possam perspetivar uma vida com futuro na sua terra”.

Apesar destas e doutras intervenções do género esta empreitada de estruturar o minifúndio litoral, se bem que difícil, tem pelo menos que ser tentada. De acordo com os últimos dados conhecidos,



somos na Europa o país com menos futuro no sector agrícola. Apenas 4% dos empresários têm menos de 40 anos e muito recentemente o Ministério da Agricultura anunciou um montante de 10 milhões de euros para operar a necessária “renovação geracional” apoiando os jovens agricultores que se queiram fixar nos territórios de baixa densidade. Ora acontece que no litoral os principais obstáculos frequentemente invocados pelos empresários – comunicações, serviços, cultura, internet – estão garantidos. É por isso urgente que os directamente afectados – Autarquias e Organizações de Produtores – se façam ouvir. A situação degrada-se e os anos passam depressa...

Em 1918, Raul Brandão, enquanto escrevia Os Pescadores, atravessou “o areal deserto” para chegar à Praia e ver “os bois que lavram o mar”. Diz ele que na jornada encontrou “um ambiente desolador, árido e monótono”. E foi só a partir de 1940 que este deserto começou a ser corrigido, copiando o que os franceses haviam feito na Aquitânia e os alemães na Frísia. Foi uma tarefa hercúlea que ocupou um mar de gente a trabalhar 9 horas por dia em condições indescritíveis. Referia o Regente Florestal Alberto Rei

que a afronta das areias não se devia apenas a causas naturais e tão pouco à última invasão francesa.

Troncos de bom diâmetro profundamente soterrados denunciavam a existência de bosques entretanto desaparecidos. Dizia ainda o distinto obreiro das nossas Matas Nacionais que tal desaparecimento se ficou a dever ao “uso incauto dos recursos da floresta por parte da população com pouca instrução e às administrações camarárias com a sua incúria e desleixo”. Durante 100 anos aplaudimos a mancha verde que finalmente nos protegia dos avanços do mar, reagimos ao rigor e excesso de autoridade que geriam as Matas Nacionais e finalmente desmantelámos os Serviços Florestais. Se o realista escritor pudesse ter feito a mesma viagem em 2018 teria alguma dificuldade em descrever o negro das árvores tombadas e o verde enfezado da vegetação que via. E esperamos, que numa hipotética repetição da viagem em 2048, ele não venha a reconhecer a areia, os restos de troncos e os arbustos isolados que povoavam o deserto da sua primeira viagem.

Mario Cupido

Vende-se

1 Virador de feno modelo GR 330/9;

1 Reboque contra pás para silagem 5000 kg;

1 Distribuidor de adubo;

1 Tractor Fendt 207/S/75;

1 Unifeed Mutti Amos, 7 metros, 2 saídas, electrónico;

3 Ventiladores Marca Alfa-Laval, automáticos, como novos;

Todos os equipamentos se encontram em bom estado de conservação.

Para mais informações contactar: **911 830 560**

Lumiposa®

TRATAMENTO INSETICIDA PARA SEMENTES

Protege cada semente, cuida cada planta



 **PIONEER**
MADE TO GROW™

Ajude o seu milho a crescer são e vigoroso desde o primeiro momento

O tratamento de sementes com Lumiposa® proporciona uma inigualável proteção contra a rosca e o alfinete.

Ao ser absorvido pela planta confere uma proteção mais efetiva e persistente, assegurando uma emergência mais uniforme, inclusive em condições difíceis.



O NUTRIENTE ESQUECIDO, DESINFEÇÃO E TRATAMENTO EFICAZ DA ÁGUA

Lumiposa® é um novo produto inseticida para o tratamento de sementes de MILHO, contendo Ciantraniliprol.

Corteva Agriscience™, empresa líder no setor agrícola em tecnologia de sementes, proteção de culturas e agricultura digital, coloca à disposição do agricultor sementes de milho tratadas com o produto Lumiposa®, para o controlo de alfinetes (*Agriotes sp.*) e roscas (*Agrotis sp.*) graças à Autorização Excepcional de Emergência nº2020/27 ao abrigo do Art.º 53 do Regulamento (CE) n.º 1107/2009, de 21 de outubro.

A substância ativa de Lumiposa®, faz parte da família química das diamidas e encontra-se classificada no Grupo 28 de IRAC¹. Lumiposa® atua nos recetores musculares da rianodina, os quais desempenham um papel fundamental na função muscular.

Graças a este modo de ação, Lumiposa® leva o inseto a cessar a sua alimentação de forma imediata, cuidando do seu milho desde o primeiro momento.

¹Comité de Ação contra a Resistência a Inseticidas.

Benefícios para o agricultor

Nova solução para o controlo eficaz de insetos do solo e gestão de resistências.

- ✓ Proporciona uma boa proteção contra o alfinete até ao estado de 4 folhas verdadeiras, além de um controlo adicional sobre as roscas ou nóctuas.
- ✓ Promove uma emergência mais uniforme e melhor instalação da cultura.
- ✓ Absorvida pelas plantas, Lumiposa®, confere uma proteção mais consistente e duradoura.
- ✓ Lumiposa®, não afeta a capacidade germinativa e vigor das plântulas das sementes tratadas.
- ✓ Baixo risco para os polinizadores e para o meio ambiente, se aplicado de acordo com as recomendações da etiqueta.



Descarregue aqui as recomendações de utilização.

Com o fim de evitar riscos para os utilizadores e para o meio ambiente, antes de semear a semente tratada, leia atentamente a etiqueta que acompanha a embalagem da semente e siga estritamente as instruções de utilização. Uso reservado a agricultores e aplicadores profissionais.



A água é frequentemente o nutriente esquecido na produção de laticínios. Todos sabem que mais da metade da constituição do organismo de um animal adulto é água e que um animal consome duas a três vezes mais água do que o alimento seco. Isso é ainda mais importante no caso do gado leiteiro, que para produzir leite precisa de insumos adicionais de água. Não se deve esquecer que 87% desse leite produzido é composto por água. Como resultado, descobrimos que uma vaca leiteira pode consumir por dia, dependendo das circunstâncias ambientais, tipo de dieta, estado de gravidez, lactação ou secagem, etc., entre 40 e 110 litros de água por dia. Mas, mesmo apesar desses dados, não é incomum que muitas explorações não recebam a atenção que merecem pela qualidade da água.

É fundamental ter água de boa qualidade, tanto do ponto de vista físico-químico, como sobretudo microbiológico, para evitar problemas patológicos e garantir que os animais possam expressar todo seu potencial genético para outro. Assim, devemos ter um abastecimento de água potável para os animais que atenda a todos os requisitos de qualidade e saúde necessários.

Para garantir o aspeto microbiológico, existem várias substâncias biocidas que eliminam os microrganismos contidos na água. Do cloro tradicional, passando pelo peróxido de hidrogênio, dióxido de cloro ou mais recentemente aprovados pela Comissão Europeia como o ácido peracético. Cada um deles possui características e peculiaridades próprias.

Tão importante quanto manter a água nas melhores condições microbiológicas é tratar as tubagens desde a captação até o ponto de consumo. Devemos garantir que os tubos e condutas que distribuem a água pela exploração estejam em boas condições de limpeza e livres de biofilme.

Esse biofilme é formado por uma população de microrganismos, entre os quais existem todos os tipos, vírus, bactérias, protozoários e até microalgas, que crescem presos ao interior dos tubos e são recobertos por uma parede de exopolissacarídeos que os torna resistentes às condições externas e até mesmo à ação de muitos desinfetantes.

É comum que, depois de tornar potável a água que chega à exploração, ela seja recontaminada nas tubagens, pois há presença de biofilme em seu interior.

Tão importante quanto manter a água nas melhores condições microbiológicas é tratar as tubagens desde a captação até o ponto de consumo.

Isso deve-se à má manutenção que com o tempo provoca a presença dessa contaminação na forma de biofilme no interior das tubulações. Para evitar isso, biocidas ativos contra biofilme devem ser usados.

Podemos revisar os sistemas de tratamento de água mais comuns e as substâncias utilizadas, comparando-os com suas vantagens e desvantagens.

Cloro, é o biocida mais tradicionalmente usado. Entre suas principais vantagens está o baixo preço, contra ela é aquela que, além de não ser ativa contra o biofilme, é muito afetada em sua eficácia pelas condições físico-químicas da água, como seu pH e dureza.

Dióxido de cloro, é um biocida poderoso que é menos afetado que o cloro pelas condições da água e é ativo contra o biofilme. Em contrapartida, seu preço é bastante alto e requer tratamento especial. Isso torna-o difícil de usar, pois é instável se dispositivos caros não forem usados para sua aplicação.

Peróxido de hidrogênio, há anos que é utilizado como substituto do cloro, pois oferece maior espectro de ação, é ativo contra o biofilme e é muito menos afetado pelo pH ou dureza da água.

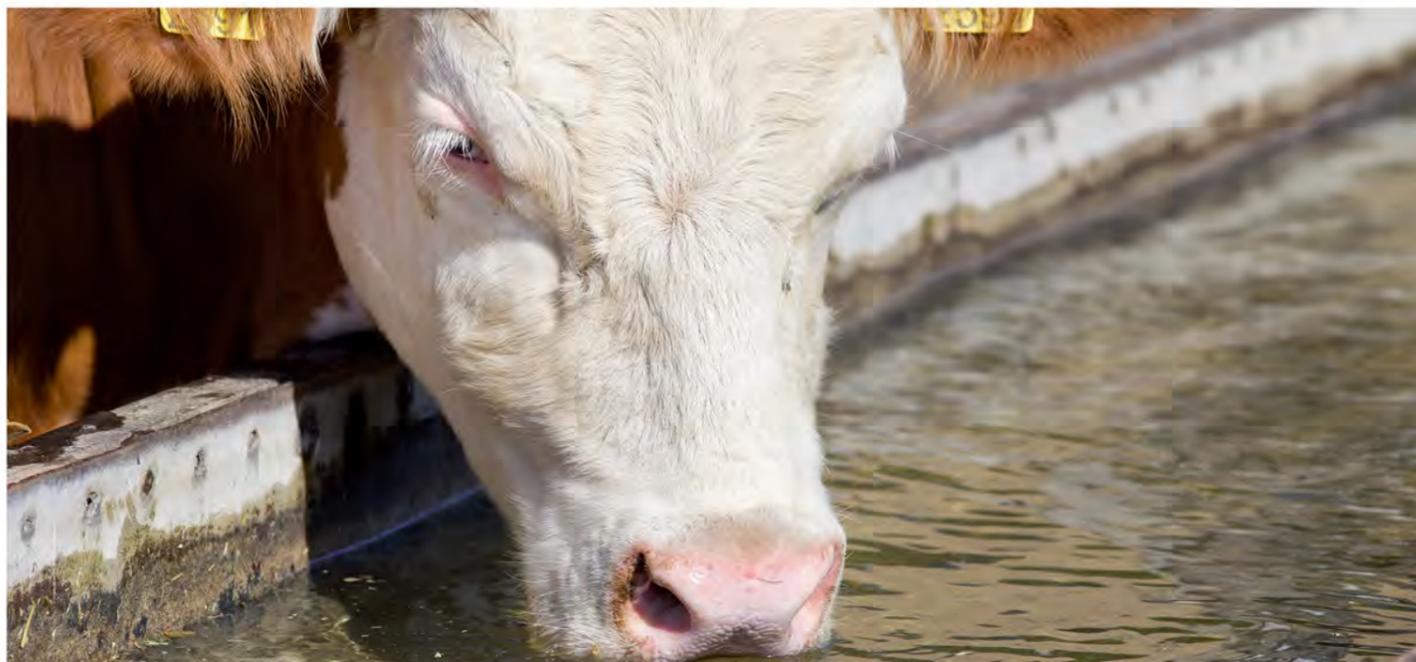
ÁGUA, A FONTE DA VIDA

Compartilha características com o peróxido de hidrogênio em termos de versatilidade, mas tem a vantagem sobre esta de ter um maior poder desinfetante contra todos os tipos de microrganismos e uma ação mais rápida contra o biofilme.



Na escolha do produto a ser utilizado, deve-se avaliar a formulação completa do mesmo com os excipientes e adjuvantes que incorpora e que contribuem para melhorar sua eficácia, correta dissolução em água, estabilidade, homogeneidade, bem como o princípio ativo biocida utilizado e segurança.

Devemos lembrar que a eficácia do produto a ser utilizado está ligada à sua dosagem adequada garantindo a qualidade da alimentação da água de beber dos animais.



NOVIDADE 2020



PARA MAIS INFORMAÇÕES CONTACTE COM TÉCNICOS KERSIA:

ÁLVARO CORREIA
TLM. 961 756 487

NUNO AFONSO
TLM. 961 781 451

O REGRESSO

O CANTINHO DA TI AURORA

Em tempos de confinamento a Ti Aurora não aguenta estar mais tempo fechada em casa, e em tarde solarenga resolve ir até ao quintal. Olha as árvores à sua volta e vê uns belos limões. Ao recolher um por um do limoeiro lembra-se que a Páscoa está perto e é tempo de fazer um arroz doce.

Depois de ordenhar as vacas e já com o leite na cozinha a vontade de fazer o arroz doce é ainda maior...

Sendo a Ti Aurora uma bela cozinheira a precisar de ocupar o tempo livre decidiu arregaçar a mangas e partilhar os seus dotes culinários.

Isso mesmo! E toca a fazer uma das suas especialidades.

O Arroz Doce, feito com água, leite das suas vacas, o limão da sua horta, o belo do arroz carolino do baixo Mondego, açúcar, sal e canela comprados na cooperativa. E agora que tinha todos os ingredientes necessários deitou mãos à obra e lá foi para o fogão.

NOTA

Se preferir arroz doce com ovos, após colocar o açúcar deve adicionar 1 colher de manteiga. Retirar o tacho do lume. Num recipiente ao lado colocar 2 a 3 as gemas de ovo e 2 ou 3 colheres de leite para liquidificar. Por fim verter lentamente este preparado para o tacho mexendo sempre com um garfo.



ARROZ DOCE

INGREDIENTES

- 2 chávenas de água
- 1,5 litro de leite
- 1 chávena de arroz
- 200 grs de açúcar
- 1 limão (casca)
- canela para polvilhar

PREPARAÇÃO

Colocar o leite num recipiente e levar ao lume até ferver.

Lavar o arroz e escorrer.

Colocar num tacho a água, o sal e a casca do limão e levar ao lume. Quando ferver junto-lhe o arroz e deixe estar ao lume até a água evaporar praticamente toda.

Quando a água estiver evaporada, junto pouco a pouco o leite que deverá ser fervido previamente. Mexer sempre para não agarrar ao fundo do tacho.

Depois do o arroz estar totalmente cozido e com uma consistência muito cremosa, adicione o açúcar continuando a mexer só até levantar fervura. Retirar a casca do limão do tacho e verter para uma travessa.

Enfeitar com canela a gosto.

Bom Apetite!

Jacinta Gil

VITO AGRO



**ROÇADORA
PROFISSIONAL**
47CC - 2,7CV
VIR47



vito-tools.com



terra terra

LOJAS AGRO-RURAIS

CANTANHEDE | MIRA | SOURE | VILA NOVA DE PAIVA



www.lacticoop.pt



LACTICOOP
DESDE 1962

O SEU PARCEIRO em
AGRICULTURA e PECUÁRIA